

Alteamento e conservação de vogais médias postônicas não finais em dois estilos de fala

Rising and conservation of non final posttonic mid vowels in two speech styles

Alessandra De Paula¹

¹ Doutora em Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, atua como Professora Adjunta de Língua Portuguesa e Filologia do Departamento de Letras da Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ/FFP). No âmbito do Projeto *Português do Brasil e Português de São Tomé em contraste: aspectos fonético-fonológicos*, recentemente publicou com a Professora Doutora Sílvia Figueiredo Brandão, coordenadora do referido Projeto, o artigo *Vogais em contexto postônico não final em variedades do português: questões teóricas* (DE PAULA; BRANDAO, 2015), o qual apresenta os resultados primordiais da pesquisa sociolinguística que aqui será complementada.
E-mail: anelassard@gmail.com.

RESUMO: A pesquisa sociolinguística variacionista realizada por De Paula (2015) no Estado do Rio de Janeiro investigou o processo de mudança que ocorre no vocalismo postônico não final do português. Os resultados demonstram que o processo de alteamento atinge ambas as vogais médias postônicas não finais /e/ e /o/, que estão em plena variação com as vogais altas /i/ e /u/ neste contexto (*abób[o]ra ~ abób[u]ra; pêss[e]gu ~ pêss[i]gu*). Isto indica que a mudança para o sistema simétrico de três vogais /i a u/ já está prevista no nível subjacente da fala fluminense. Tais resultados diferem do sistema assimétrico /i E a U/, defendido por Câmara Jr (1970). Além disso, a complementação dos resultados com um questionário e um teste de leitura foi fundamental para encontrar e analisar muitas palavras proparoxítonas que não apareceram nos *corpora* sociolinguísticos. Tal etapa da pesquisa demonstrou que o alteamento, que é praticamente categórico na fala espontânea de pessoas que estudaram até o Ensino Fundamental, é inibido gradualmente com o aumento da escolaridade e do monitoramento do discurso, o que leva os falantes a recuperarem as variantes conservadoras [e] e, até mesmo, [o].

PALAVRAS-CHAVE: Sociolinguística; Fonologia; Alteamento; Vocalismo; Postônico.

ABSTRACT: The variationist sociolinguistics research done by De Paula (2015) in Rio de Janeiro State studied the process of change that occurs in the non-final posttonic vocalism in Portuguese. The results show that the raising process affects the both non-final posttonic mid vowels /e/ and /o/, which are in full variation with the high vowels /i/ and /u/ in this context (*abób[o]ra ~ abób[u]ra; pêss[e]gu ~ pêss[i]gu*). It indicates that the change to the three vowels symmetrical system /i a u/ is already foreseen in underlying level of the speech in Rio de Janeiro State. These results differ from the asymmetric system /i E a U/, defended by Câmara Jr (1970). Moreover, the complementation of the results with a questionnaire and a reading test was fundamental to find and analyze many proparoxytone words that did not appear in the sociolinguistic *corpora*. This step of research showed that the raising process, which is virtually categorical in spontaneous speech of people who reached up to primary education, is gradually inhibited depending on the level of education and speech monitoring, which does speakers recover the conservative variants [e] and even [o].

KEYWORDS: Sociolinguistics; Phonology; Raising; Vocalism; Posttonic.

Introdução

O vocalismo postônico medial do português do Brasil – referente à penúltima sílaba das proparoxítonas – tem sido alvo de discussão teórica no que diz respeito às oposições fonológicas entre as vogais médias e altas nessa posição, especialmente por serem pouco numerosas as palavras da língua que apresentam esse contexto e não existirem pares mínimos distintivos que ajudem a determinar os limites entre os fonemas /e, i/ e /o, u/.

Embora ainda sejam poucos os autores que se dedicaram ao tema, alguns estudos foram realizados (entre eles, VIEIRA, 1994, 2002, 2009; MAGALHÃES, 2011; RAMOS, 2009; RIBEIRO, 2007), especialmente com o objetivo de investigar o processo de alçamento que atinge as vogais médias /e/ e /o/. Esses trabalhos têm sido realizados a partir da interpretação de Câmara Jr (1970) que defende existir assimetria no processo de alçamento que atinge as vogais médias nessa posição. Segundo ele, o quadro vocálico tônico sofre redução total da série posterior em /U/ (ép/U/ca), mas a série anterior mantém dois segmentos /E i/, permanecendo assim a oposição entre as vogais médias anteriores e a vogal alta, em um quadro de quatro segmentos: /i E a U/. Câmara Jr afirma que, na cidade do Rio de Janeiro, uma realização como *núm[i]ro seria rechaçada pelos falantes (1970, p. 43-44).

Bisol (2003; 2010) expande a discussão ao considerar que um sistema assimétrico de vogais não é estável nas línguas naturais e que o português do Brasil tende a estabilizar esse contexto fonológico em três vogais /i a u/, concluindo a mudança para a vogal alta também na articulação anterior. Para ela, o que Câmara Jr interpretou como um quadro de quatro vogais na verdade é uma flutuação entre o quadro de cinco vogais /i E a O u/ e o quadro de três /I a U/, propostos por este mesmo autor para as posições pretônica e postônica final, respectivamente.

Os trabalhos variacionistas de De Paula (2010, 2015) e De Paula e Brandão (2012a; 2012b; 2015 e outros) no Estado do Rio de Janeiro objetivaram verificar a proposta de Câmara Jr em dados das falas culta e popular, rural e urbana do Estado, no período desde os anos 1970 até os anos 2000. A principal hipótese levantada foi a de que ambas as vogais altas /i/ e /u/ sejam variantes produtivas na fala fluminense. Além disso, considerou-se que os índices de alçamento aumentariam com o passar do tempo em todos segmentos da comunidade de fala fluminense. As autoras esperavam ainda encontrar indicativos de que esse processo de mudança esteja em fase final de implementação, de acordo com a proposta de Weinreich; Labov e Herzog (1978).

Os resultados de De Paula e Brandão têm demonstrado que uma das principais características do vocalismo postônico medial diz respeito à diferença entre o comportamento da vogal anterior /e/ e da posterior /o/ nessa posição: o alçamento tem sido refreado apenas no contexto da anterior /e/. Por outro lado, os falantes estudados não apenas demonstraram aceitar realizações da vogal alta [i], em palavras como *número*, como também produziram tais vogais com frequência relevante na fala espontânea. Assim, embora a interpretação de Câmara Jr tenha algum respaldo na variação encontrada na fala fluminense, a frequente realização da vogal média anterior como alta /i/ nesse contexto fonológico parece confirmar a proposta de Bisol.

No contexto da discussão apresentada, o presente trabalho propõe-se a expor os resultados de uma das etapas da pesquisa empreendida por De Paula (2015) com base em questionários e teste de leitura aplicados a falantes cariocas. Tal etapa buscou investigar o alçamento dessas vogais em diferentes estilos de fala, em consonância com a teoria laboviana (LABOV, 1972), como complementação à análise variacionista previamente realizada.

Convém destacar duas motivações para a aplicação dos questionários e do teste de leitura. Primeiramente, o conjunto de dados com vogais

médias postônicas mediais é extremamente pequeno, principalmente se comparado com os outros quadros vocálicos (para mais informações, cf. ARAÚJO et al., 2007; DE PAULA, 2010, 2014), tanto em variedade de lexemas como em frequência de ocorrência. Muitos itens lexicais proparoxítonos conhecidamente em uso no português não ocorreram nas entrevistas sociolinguísticas levantadas e os que foram encontrados geralmente figuraram na fala de poucos informantes, sendo então raros os vocábulos e contextos fonéticos que puderam ser vislumbrados em todas as células sociais controladas, fato que limitou a análise variacionista realizada.

Outra razão provém dos resultados da observação de sete cartas de Atlas linguísticos do Estado do Rio de Janeiro (LIMA, 2006; ALMEIDA, 2008) em De Paula (2009, 2010), os quais já haviam apontado que o monitoramento do discurso em situação de questionário pode refrear o processo de alçamento, sendo favorável à realização mais conservadora das vogais, com abertura média.

Assim, a aplicação dos questionários e do teste de leitura serviu não apenas para estudar um número maior de itens lexicais proparoxítonos com vogais /e/ e /o/ postônicas mediais, que não poderiam ter sido averiguadas sem essa complementação metodológica, como para equilibrar o número e a variedade de dados encontrados entre todos os informantes gravados. Destaca-se, por outro lado, que a análise de dados levantados através de questionários é limitada com relação a entrevistas do tipo DID (diálogo entre informante e documentador), no aspecto de que a análise multivariada é inviabilizada, restando apenas a observação de índices percentuais.

Resta explicitar, por fim, a configuração do conjunto de dados analisados no que diz respeito aos estilos de fala nele representados. Nas entrevistas, há menor preocupação por parte do falante com a elocução e nelas esperou-se encontrar resultados mais próximos da fala cotidiana. Já no levantamento através de questionários o indivíduo está mais atento ao seu discurso,

pois o modelo de perguntas e respostas imprime um caráter mais formal à situação de fala. Além disso, o inquérito conta com trechos de leitura, que, pela especificidade semântica das proparoxítonas procuradas, muitas vezes foram elaborados com uma linguagem formal ou até mesmo técnica. Portanto, nesse tipo de levantamento, foi possível vislumbrar a realização das vogais estudadas em uma situação discursiva em que o falante está mais atento a sua fala, de forma que o confronto entre os *corpora* permitiu comparar o comportamento linguístico de indivíduos com perfis sociais semelhantes produzindo estilos diferentes: a *fala espontânea* e a *fala monitorada*, nos termos de Labov (1972).

1 *Corpora* sociolinguísticos – fala espontânea

A tese de doutorado de De Paula (2015) reúne os últimos resultados da sua pesquisa que investigou o fenômeno do alçamento na posição postônica não final, averiguando porque o processo de alçamento já está implementado no que se refere à vogal posterior, mas ainda encontra resistência no âmbito da vogal anterior, averiguando a natureza dessa resistência. Para isso, a autora verificou as propostas de Câmara Jr e de Bisol, já comentadas.

A pesquisa variacionista realizada nas falas culta e popular do Estado do Rio de Janeiro comparou amostras de 1970 e 1980 e da primeira década de 2000, a partir de um conjunto de dados recolhidos em 166 entrevistas do tipo DID. Os dados das décadas de 1970/80 advêm de: 78 entrevistas do *corpus* APERJ (Atlas Etnolinguístico dos Pescadores do Estado do Rio de Janeiro), composto apenas por homens do Norte e do Noroeste do Estado que estudaram, no máximo, até a 4ª série do Ensino Fundamental; 25 entrevistas do *corpus* PEUL 80 (Programa de Estudos sobre o Uso da Língua), referentes a homens e mulheres cariocas com, no máximo, Ensino Médio completo; e 18 entrevistas do *corpus* de fala culta NURC- RJ (Norma Urbana Oral Culta do

Rio de Janeiro), composto por homens e mulheres da capital Rio de Janeiro que concluíram o Ensino Superior. Para o estudo da década de 2000, foram consideradas: 35 entrevistas do Projeto Concordância RJ, que inclui homens e mulheres dos diferentes níveis de escolaridade; e 10 entrevistas do *corpus* PEUL 2000, que, à semelhança da amostra de 1980, apresenta indivíduos escolarizados até o Ensino Médio, no máximo.

Os *corpora* apresentaram um total de 1.844 ocorrências de proparoxítonas com vogal média postônica não final e foram analisadas no programa Goldvarb-X. O universo lexical das entrevistas está composto por 89 diferentes vocábulos, 43 com /e/ e 46 com /o/ postônicos não finais, os quais estão listados a seguir.

- **Vogal /e/:** *alfândega, almôndega, amássemos, Aristóteles, câmeras, centímetro, célebre, cérebro, córrego, estudássemos, exógenos, fenômeno, fôlego, gênero, hidrômetro, hipótese, ímpeto, indígena, intérprete, inúmeros, Mariângela, milímetro, nádega, número, ópera, pálpebra, paralelepípedo, parâmetro, perímetro, pêssego, prótese, quilômetro, quiséssemos, tivéssemos, tráfego, úlcera, uníssemos, útero, velocípede, vértebras, véspera, víscera, vivéssemos.*
- **Vogal /o/:** *abóbora, Acrópole, Adrianópolis, agrícola, âncora, árvore, autônomo, biólogas, bússola, carnívoro, catálogo, catástrofe, cômoda, cômodo, cômoros, Débora, diálogo, época, Florianópolis, fósforo, gastrônomo, Heliópolis, herbívoro, ídolo, incômodo, índole, Mariópolis, mármore, método, metrópole, monótono, Nápoles, Nilópolis, pároco, Pentágono, pérola, Petrópolis, polígono, psicólogo, sambódromo, semáforo, símbolo, sociólogo, Távola, Teresópolis, tómbolos.*

As proparoxítonas com vogal /e/ totalizaram 485 ocorrências e as com vogal /o/, 1359. Os resultados para o vocalismo postônico não final aqui discutidos devem ser, então, relativizados, considerando-se que a ocorrência da vogal anterior /e/ restringe-se a 26,3% dos dados.

Como foi relatado na introdução deste trabalho, esse universo lexical é muito pequeno se comparado com os outros quadros vocálicos do português, tanto em variedade de lexemas como em frequência de ocorrência. Além disso, ele condiciona fortemente os resultados correspondentes às variáveis linguísticas controladas no trabalho, como o contexto fonético em que as vogais aparecem, por exemplo. Isso significa que a seleção de uma variável linguística como relevante pelo programa de análise estatística, por exemplo, a *consoante em contexto subsequente*, está geralmente relacionada a ocorrência de apenas alguns itens lexicais, como a presença das consoantes /m/ e /t/ no radical *-metro*: *milímetro, centímetro, quilômetro* etc. Como consequência, todas as variáveis linguísticas acabaram sendo desconsideradas e, em contrapartida, De Paula (2010, 2015) realizou uma minuciosa análise lexical dos *corpora*.

2 Resultados gerais da análise sociolinguística

Esta seção apresenta os resultados gerais para os dados de fala espontânea fluminense. A análise multivariada realizada será aqui apresentada de maneira sucinta com o intuito de ser comparada com os resultados dos questionários e do teste de leitura, focos deste artigo, e pode ser observada com detalhe na tese de De Paula (2015) ou nos artigos dela derivados (DE PAULA; BRANDÃO, 2015, 2012b e outros).

A análise estatística dos *corpora* NURC, PEUL, APERJ e Concordância confirmou que, na fala fluminense, as vogais médias /e/ e /o/ estão em variação com as altas /i/ e /u/, nas duas sincronias. Como explicitam os percentuais gerais a seguir (**Tabelas 1 e 2**), referentes aos *corpora* da região metropolitana do Estado, a vogal posterior é realizada alta na maioria absoluta dos dados sociolinguísticos de fala popular e culta, quando não é apagada, nas duas épocas estudadas:

Tabela 1 – Índices gerais da variação de vogais médias postônicas mediais na fala fluminense – Décadas de 1970/80

Corpora NURC e PEUL 80				
	Alteamento	Manutenção	Apagamento	Total
Vogal /e/	58 45,3%	68 53,1%	02 1,6%	128 100%
Exemplo	[ˈvɛʃpɪrɐ]	[ˈvɛhtɐbrɛʃ]	[ˈvɛʃprɐ]	
Vogal /o/	243 78,1%	11 3,6%	57 18,3%	311 100%
Exemplo	[awˈtõnumu]	[abɔbɔrɐ]	[awˈtõmɐʃ]	

Tabela 2 – Índices gerais da variação de vogais médias postônicas mediais na fala fluminense – Década de 2000

Corpora Concordância RJ e PEUL 2000				
	Alteamento	Manutenção	Apagamento	Total
Vogal /e/	40 50,6%	34 43,1%	05 6,3%	79 100%
Exemplos	[fɛˈnõminu]	[fɛˈnõmenu]	[ˈnũʃ]	
Vogal /o/	327 93,2%	06 1,7%	18 5,1%	351 100%
Exemplos	[ˈɛpuke]	[ɛːpɔkɛː]	[ˈɛpɐ]	

Por outro lado, de acordo com a análise dos dados de /e/ – a única vogal que apresenta variação passível de análise estatística –, concluiu-se que a resistência da vogal média no contexto anterior, já acusada de certa forma por Câmara Jr, existe apenas no nível fonético, especialmente na fala dos indivíduos mais escolarizados (ou que monitoram o seu discurso, segundo outras etapas da pesquisa já comentadas). Câmara Jr sugeriu que o alteamento para [i] era inadmissível pelos cariocas, enquanto os dados

demonstram a usualidade desse processo, levando à variação entre [e] e [i] na realização do elemento fonológico que anteriormente era /e/.

A fala escolarizada foi fator preponderante para a manutenção de /e/ em cada uma das décadas estudadas, conforme exposto na referida tese. A **Tabela 3**, a seguir, apresenta o resultado final da análise da vogal /e/ no contraste entre os dados de fala culta e popular das duas sincronias estudadas¹:

Tabela 3 – Fator condicionador do alteamento da vogal média anterior postônica medial na fala da Região Metropolitana do Rio de Janeiro – Décadas de 1970/80 e 2000

Variáveis	Fatores	Oco	%	Peso Relativo
Escolaridade	Fundamental	35/37	94,6	0.938
	Médio	23/34	67,6	0.645
	Superior	40/129	31,0	0.281

Sig.: 0.000; Input: 0.535.

Os pesos relativos deixam claro que o aumento gradual da escolaridade desfavorece o alteamento, sendo fator preponderante para a restrição do processo. Além disso, a observação dos falantes com até o Ensino Fundamental, em todas as etapas de análise, demonstrou que a mudança já está prevista no nível subjacente da fala popular, com um quadro simétrico /i a u/, e há quase categoricidade na realização das vogais como altas, à semelhança do contexto postônico final. As **Tabelas 4 e 5**, a seguir, apresentam, separadamente, os resultados de cada sincronia estudada e nelas é possível ver que a escolaridade foi variável selecionada em ambas as análises:

¹ Foi excluído desta análise final o corpus APERJ, que não tem equivalente geográfico na década de 2000.

Tabela 4 – Fatores condicionadores do alçamento da vogal média anterior postônica medial na fala fluminense – Décadas de 1970/80

Corpora APERJ e NURC				
Variável	Fatores	Oco	%	Peso Relativo
Escolaridade	Ensino Superior	19/87	21,8	0.052
	De 0 a 4 anos	229/245	93,5	0.737

Sig.: 0.000; Input: 0.836.

Tabela 5 – Fatores condicionadores do alçamento da vogal média anterior postônica medial na fala fluminense – Década de 2000²

Variáveis	Fatores	Oco	%	Peso Relativo
Sexo	Homem	29/41	70,7	0.719
	Mulher	11/33	33,3	0.237
Escolaridade	Médio e Superior	28/60	46,7	0.376
	Até Fundamental II	12/14	85,7	0.897

Sig.: 0.000; Input: 0.560.

Os percentuais de alçamento de /e/ entre os falantes que estudaram até o Ensino Fundamental II são de 93,5% (P.R. 0.737) e 85,7% (P.R. 0.897) nas décadas de 1970/80 e 2000, respectivamente, dados que demonstram a produtividade do alçamento e o estágio muito avançado da mudança no sentido do quadro simétrico de três vogais. Fica assim demonstrado que, no Rio de Janeiro, a assimetria é resultado da resistência de /e/ entre os falantes mais escolarizados.

² A variável *sexo* dos informantes de 1970/80 não foi analisada no Goldvarb por ausência de mulheres no corpus APERJ, que é constituído por pescadores do interior do RJ, mas foi discutida no âmbito do NURC em De Paula (2010; 2015). Lembra-se ainda que não há falantes com Ensino Médio nos corpora de 1970/80.

3 Questionários e teste de leitura – fala monitorada

Como explicado, os dados discutidos nessa seção complementam as entrevistas do tipo DID, concisamente apresentadas acima, e foram obtidos através de um questionário, composto por perguntas e identificação de figuras, e de um teste de leitura de textos.

Conforme planejado, com essa nova amostra foi possível comparar os resultados obtidos nas entrevistas com um número maior de itens lexicais proparoxítonos, de frequência de uso mais ou menos alta na fala espontânea, de acordo com a análise de frequência de uso e a classificação lexical desenvolvidas em De Paula (2010). Assim, foi possível não só ampliar o universo lexical da investigação, como observar os mesmos vocábulos sendo realizados por falantes de diferentes perfis sociais, com maior regularidade do que as entrevistas permitem. Por fim, o contraste entre os dados das entrevistas e do questionário/leitura permitiu observar a mudança de comportamento dos falantes em situações diversas de comunicação, mais ou menos formais.

Deve-se lembrar, mais uma vez, que esses dados não são estilisticamente semelhantes aos demais por conta da diferenciação da técnica de recolha, que aqui é mais formal e, inclusive, se vale de uma etapa de leitura, ainda mais artificial que o questionário. Por outro lado, esta foi uma estratégia que permitiu registrar realizações de várias palavras, que são utilizadas esporadicamente pelos falantes brasileiros, mas que raramente figuram nos corpora estudados. Além disso, foi possível comparar a realização das proparoxítonas em contextos de uso diversos e, assim, ter mais material que ajude a refletir sobre a relação entre o fenômeno estudado, o conjunto das palavras proparoxítonas e a formalidade do discurso.

Para o controle dos informantes, foram seguidos os critérios metodológicos da Sociolinguística. O teste foi aplicado a 18 informantes

cariocas, distribuídos por três faixas etárias (18 a 35 anos; de 36 a 55 anos e 56 anos ou mais), três níveis de escolaridade (até 2º segmento do Ensino Fundamental, Ensino Médio e Ensino Superior) e sexo (masculino e feminino).

Os inquéritos tiveram duração média de 30 minutos. Como já foi dito, ele é composto de três etapas e cada uma apresenta características distintas: (i) um questionário de perguntas e respostas, (ii) a identificação de figuras e (iii) a leitura de textos. Considera-se que os dados da etapa (i) são os mais espontâneos, vista a interação semiespontânea entre o informante e o documentador. Já as respostas de (ii) são mais objetivas e, nelas, o falante altera o seu estilo de fala com relação à etapa (i), estando mais atento à palavra selecionada para as respostas. A leitura, naturalmente, é a estratégia mais formal de recolha de dados e seu estilo se destaca das outras duas, mas permitiu angariar também proparoxítonas pouco usuais ou técnicas, difíceis de serem obtidas através de perguntas ou figuras.

A lista abaixo contém os 71 itens proparoxítonos levantados com o questionário e a leitura, 41 com vogal /e/ e 30 com vogal /o/ postônicas não finais:

- **Vogal /e/:** *adúltero, alienígena, almôndega, áspero, bafômetro, bípede, câmara, cárcere, célebre, centímetro, cérebro, cócegas, fenômeno, fôlego, frutífero, gênero, hipótese, hóspede, ímpeto, indígena, íntegro, mamífero, milímetro, número, ópera, pálpebra, parâmetro, parêntese, pêssego, próspero, prótese, quilômetro, síntese, sonífero, taxímetro, tráfego, termômetro, úlcera, útero, velocípede, véspera.*
- **Vogal /o/:** *abóbora, agrícola, ancora, apóstolo, autódromo, autônomo, benévolo, biólogo, brócolis, carnívoro, catástrofe, cômodo, diálogo, fósforo, frívolo, horóscopo, ídolo, índole, mármore, método, monótono, pérola, pólvora, própolis, psicólogo, sambódromo, semáforo, símbolo, ufólogo, víbora.*

Como foi dito, a escolha desses termos buscou abarcar proparoxítonas sabidamente usuais na fala coloquial, mas que nem sempre foram encontradas nas entrevistas ou encontradas em quantidade expressiva. Assim, foi possível equilibrar o número de ocorrências de cada termo no conjunto de cada vogal, /e/ e /o/. Selecionaram-se mais proparoxítonas com a vogal /e/, por ser aquela que apresenta mais variação na sua realização e o alvo principal das discussões fonológicas dentro do fenômeno investigado. Foram levantadas de formas diversas – perguntas, figuras e leituras –, sendo que os vocábulos *biólogo, catástrofe, gênero, síntese* e *véspera* foram alvo de perguntas e também de leitura.

As perguntas focalizaram os itens áspero, *bafoômetro, fenômeno, fôlego, gênero, hóspede, mamífero, número, ópera, quilômetro, síntese, sonífero, taxímetro, úlcera, útero, véspera* (17 itens), com /e/; e *abóbora, agrícola, âncora, apóstolo, autônomo, biólogo, carnívoro, catástrofe, cômodo, diálogo, ídolo, monótono, pólvora, própolis* e *psicólogo* (15 itens), com /o/.

Os vocábulos conseguidos com o uso de figuras foram *almôndega, câmara, centímetro, cérebro, cócegas, fôlego, milímetro, pálpebra, parêntese, pêssego, termômetro, tráfego, velocípede* (13 itens), com /e/; e *autódromo, brócolis, fósforo, horóscopo, mármore, pérola, sambódromo, semáforo* e *símbolo* (09 itens), com /o/.

Como dito, a etapa de leitura permitiu levantar algumas proparoxítonas que dificilmente seriam conseguidas através de perguntas ou, principalmente, figuras por serem termos pouco usuais, que têm sinônimos mais frequentes na fala coloquial e representarem, muitos deles, ideias abstratas. São as palavras: *adúltero, alienígena, bípede, cárcere, célebre, gênero, hipótese, ímpeto, indígena, íntegro, parâmetros, próspero, prótese, síntese, véspera* (15 itens), com /e/; e *benévolo, biólogo, catástrofe, frívolo, índole, método, ufólogo* e *víbora* (08 itens), com /o/.

Para não expor o tema que foi foco desta pesquisa e obter o máximo de naturalidade do informante ao produzir as vogais investigadas, aten-

tou-se para diversos procedimentos no decorrer das gravações. O principal deles foi o investigador alegar o interesse em conhecer as palavras usadas naturalmente do dia-a-dia dos cariocas. Para tanto, incluíram-se, entre as 32 perguntas que focalizam as proparoxítonas, 16 distratores com outros padrões acentuais. Além de alternar com o padrão acentual predominante no inquérito, os distratores também focalizaram a variação lexical regional e, assim, foram aproveitados para tirar a atenção de algumas perguntas menos naturais, ou até muito simples, elaboradas para conseguir os itens desejados. Dessa forma, perguntas como, por exemplo, *Qual é o órgão em que o bebê cresce na barriga da mãe?* (útero) e *A, B, C são letras. 1, 2, 3 são o quê?* (números) foram alternadas com perguntas do tipo *Como você chama uma pessoa que não gosta de trabalhar?* e *Além do feijão preto, como chama aqui no Rio um feijão que é marrom?*

Sobre essa etapa da pesquisa, considerou-se a já citada hipótese baseada nos resultados encontrados por De Paula (2010) na observação de dados de /e/ e /o/ postônicos não finais registrados em sete cartas dos Atlas linguísticos AFeBG e MicroAFERJ, que também foram elaborados através de questionários. Seus resultados apontaram um contraste na produção dessas vogais por falantes com pouca escolaridade na fala da Região Metropolitana do Rio de Janeiro: os falantes não cultos preservaram muito mais as vogais médias neste formato de levantamento, menos natural, em que permanecem muito mais atentos ao seu discurso. Assim, esperou-se que, em comparação com os resultados das entrevistas, fossem encontrados percentuais de manutenção das vogais médias, em especial de /e/, ao menos um pouco maiores na fala dos informantes de diferentes níveis de escolaridade, inqueridos por questionário e leitura, quando estariam mais atentos a sua fala do que nos diálogos com o documentador.

3.1 Resultados dos questionários e teste de leitura

A aplicação do questionário e da etapa de leitura aos informantes cariocas totalizou 1292 dados de vocábulos proparoxítonos com vogais médias postônicas mediais, entre 738 ocorrências de vogal /e/ e 554 de vogal /o/. Infelizmente, uma das entrevistas foi desconsiderada devido à falta de espontaneidade do interlocutor, que teve um comportamento extremamente artificial a ponto de silabar grande parte das proparoxítonas proferidas em todas as etapas. Dessa forma, o total de dados, explanados na **Tabela 6**, a seguir, referem-se a 17 gravações:

Tabela 6 – Distribuição das 1292 ocorrências de vogal média postônica medial nos Questionários e na Leitura

Estratégia	Questionários e Leitura	
	Anterior	Posterior
Perguntas	279	263
	Total: 542	
Figuras	202	157
	Total: 359	
Leitura	257	134
	Total: 391	

Devido à baixíssima produtividade nos resultados, foram desconsiderados desses números os 09 casos de cancelamento encontrados na fala popular; 08 referentes a indivíduos de nível Médio e apenas 01 de nível Fundamental. Também não são considerados na pesquisa os casos de alteração da vogal: 09 casos de abaixamento da vogal posterior /o/.

Quanto aos itens lexicais previstos, todos foram encontrados várias vezes, mas alguns tiveram muito menos produtividade nas respostas do que outros. As palavras *fôlego*, *gênero*, *síntese*, *sonífero*, *tráfego*, *catástrofe*,

monótono e agrícola, especialmente, foram as mais difíceis de serem obtidas. Pouco lembradas pelos cariocas, quase sempre essas proparoxítonas foram preteridas diante de sinônimos extremamente comuns na fala casual, respectivamente *ar, tipo* (ou *estilo, ritmo*), *resumo, calmante, movimento* (ou *fluxo, trânsito*), *tragédia* (ou *desastre, calamidade*), *repetitivo* (ou *chato*) e *rural*.

Os resultados encontrados refletem, de forma geral, o que se esperava com base nos Atlas Linguísticos analisados por De Paula (2010). Mesmo assim, os dados chegaram ainda a surpreender com índices bastante elevados de conservação das vogais médias, inclusive de /o/. Os cariocas de todos os níveis de escolaridade realizaram muito mais a articulação média na concretização de ambas as vogais em comparação com os *corpora* sociolinguísticos, mas a vogal anterior /e/ permaneceu sendo a vogal menos propícia ao alçamento com relação a /o/, à semelhança das outras etapas da pesquisa. Os percentuais gerais para /e/ podem ser observados na **Tabela 7**.

Tabela 7 – Índices da realização da vogal média anterior postônica medial em dados de Questionários e Leituras

Questionários e Leitura – Vogal /e/		
Estratégia	Alçamento	Manutenção
Perguntas	141/279 50,5%	138/279 49,5%
Exemplos	[aʃpiru]	[aʃperu]
Figuras	92/202 45,5%	110/202 54,5%
Exemplos	[tefi'mõmitru]	[tefi'mõmetru]
Leitura	98/257 38,1%	159/257 61,9%
Exemplos	[kəhsiri]	[kəhsəri]
Total	331 44,9%	407 55,1%

Os resultados estão sempre apresentados separadamente por tipo de estratégia de investigação, visto que o estilo de fala é diferente em cada um. Os percentuais demonstram isso, já que o conjunto de falantes diminui gradualmente o processo de alçamento em /e/, conforme aumenta a formalidade do inquirido: 50,5% > 45,5% > 38,1%. Naturalmente, a diferença na etapa de leitura é muito maior, ultrapassa a neutralidade da faixa dos 50%, alcançando mais de 60% de manutenção da média /e/. No total geral, a articulação média da vogal anterior /e/ sobrepõe levemente o alçamento, em 55,1% dos casos.

Já entre os vocábulos com vogal /o/, o processo de alçamento também é refreado no discurso monitorado, mas ainda é muito mais produtivo em comparação com a vogal anterior: no total geral, foi realizado em 64,8% dos casos. Ao observar as três estratégias de investigação, entretanto, vê-se muitas diferenças no comportamento dos cariocas.

Tabela 8 – Índices da realização da vogal média posterior postônica medial em dados de Questionários e Leituras

Questionários e Leitura – Vogal /o/		
Estratégia	Alçamento	Manutenção
Perguntas	185/263 70,3%	78/263 29,7%
Exemplos	[aw'tõnumu]	[aw'tõnomu]
Figuras	114/157 72,6%	43/157 27,4%
Exemplos	[ma:fimu]	[mafimori]
Leitura	60/134 44,8%	74/134 55,2%
Exemplos	[ʔduli]	[ʔdoli]
Total	359 64,8%	195 35,2%

Apenas nas leituras a mudança da vogal posterior /o/ para [u] é preterida pelos falantes, que altearam a vogal em 44,8%, um percentual equilibrado com a realização da vogal /e/ nos dados de leitura: 38,1% de alçamento. Nas figuras e perguntas, entretanto, a formalidade não restringe tanto a tendência de redução de /o/ e o alçamento ainda é a realização mais frequente dessa vogal. A categoricidade do processo, entretanto, não se verifica mais como se verificou em todas as entrevistas da década de 2000 e a formalidade faz os falantes reaverem a variante conservadora, de articulação média, em quase 30% dos casos, 29,7% nas perguntas e 27,4% nas figuras.

Embora esses dados não possam ser tratados estatisticamente, as variáveis que se mostraram mais pertinentes à variação das vogais /e/ e /o/ postônicas não finais, nas análises já empreendidas, foram, nesta etapa, controladas em percentuais, também com o auxílio do Programa Goldvarb-X. São elas a *classificação lexical* das proparoxítonas, no nível linguístico, a *faixa etária*, o *sexo* e a *escolaridade*, no nível extralinguístico.

Os falantes cariocas apresentaram diferença na realização das vogais apenas com relação à escolaridade e, embora todos mudem de comportamento em contexto formal, eles não parecem atentar para o caráter mais usual ou mais técnico das proparoxítonas, tendo comportamento semelhante ao realizar os dois tipos. Observa-se na etapa de leitura, que todos os falantes são receosos ao se deparar com esse tipo de acento, mesmo em palavras comuns na fala carioca, como *véspera* e *prótese*.

Apresenta-se, a seguir, uma observação do comportamento dos falantes com diferentes níveis de escolaridade na realização de /e/ e /o/, em cada etapa do questionário e da leitura. Nas seções a seguir, será possível perceber que o aumento dos anos de escolaridade dos falantes influenciou muito mais a realização de /e/ que a realização de /o/.

3.1.1 Perguntas

A etapa de 32 perguntas (e 16 distratores) foi a menos formal das três, em que os informantes não ficaram restritos apenas a respostas objetivas, mas também dialogaram com o documentador.

Em todos os níveis de escolaridade, os resultados para a vogal anterior /e/ aproximaram-se dos da fala culta nas entrevistas de tipo DID da mesma década. O alçamento concorre equilibradamente com a manutenção da vogal nas respostas dos cariocas, mas é preterido entre os falantes cultos:

Tabela 9 – Índices da realização da vogal média anterior postônica medial por nível de escolaridade em respostas a perguntas do Questionário

Perguntas - Vogal /e/			
Variável	Fatores	Alçamento	Manutenção
Escolaridade	Fundamental	41/75	34/75
		54,7%	45,3%
	Médio	56/105	49/105
		53,3%	46,7%
	Superior	44/99	55/99
		44,4%	55,6%

Há distinção clara entre fala culta e fala popular na realização de /e/, sendo os cultos os informantes menos passíveis a alçar a vogal, enquanto os falantes com Ensino Médio não divergem muito daqueles com apenas o Fundamental.

Não está nesses percentuais um caso de cancelamento realizado por um informante com Ensino Médio: *frutífera* [frutifɛ].

Quanto à vogal posterior, a situação das perguntas não parece influenciar muito os falantes com menos escolaridade, que mantiveram a vogal /o/ em

apenas 17,1% das respostas. Os falantes com mais escolaridade foram mais conservadores, mas não se observa diferença entre os de Ensino Médio e Superior:

Tabela 10 – Índices da realização da vogal média posterior postônica medial por nível de escolaridade em respostas a perguntas do Questionário

Perguntas - Vogal /o/			
Variável	Fatores	Alçamento	Manutenção
Escolaridade	Fundamental	68/82	14/82
		82,9%	17,1%
	Médio	60/98	38/98
		61,2%	38,8%
	Superior	57/83	26/83
		68,7%	31,3%

Nesta etapa, e de forma geral nos questionários, vê-se o resgate da variante conservadora da vogal /o/ postônica medial, à semelhança da vogal anterior. Entretanto, como se mostra nas seções a seguir, o processo de alçamento da vogal posterior só é preterido na etapa mais formal, a leitura.

Não foram calculados os 03 casos de cancelamento produzidos por informantes com Ensino Médio: 01 de *pólvora* [pɔwvja] (processo de sândi em “a pólvora e a espoleta”), 01 de [a'bɔbrɛ] e 01 de *carnívoro* [kafinivru].

3.1.2 Figuras

Na etapa de identificação de figuras, a interação com os informantes foi muito mais rápida e objetiva que na anterior. Eles forneceram quase sempre respostas objetivas, mais cuidadas e conscientes que as anteriores.

A consequência dessa postura observa-se na concretização da vogal /e/. Nessa etapa, apenas os falantes do segundo nível de escolaridade alçaram preferencialmente a vogal, ainda um pouco mais que na primeira parte da gravação.

Tabela 11 – Índices da realização da vogal média anterior postônica medial por nível de escolaridade em identificação de figuras do Questionário

Figuras - Vogal /e/			
Variável	Fatores	Alçamento	Manutenção
Escolaridade	Fundamental	27/54	27/54
		50%	50%
	Médio	44/77	33/77
		57,1%	42,9%
	Superior	21/71	50/71
		29,6%	70,4%

O nível Fundamental foi equilibrado ao aplicar o alçamento, alternando entre [e] e [i] com 50% de ocorrências de cada variante. Os falantes cultos mantiveram a vogal /e/ em mais de 70% dos casos, 50 em um total de 71.

No âmbito da vogal /o/, o aumento da formalidade não restringiu tanto o alçamento quanto se observou para a vogal /e/. Apenas os falantes com Ensino Fundamental diminuíram o percentual de alçamento com relação à fase de perguntas, os mais escolarizados realizaram percentuais próximos aos da primeira etapa e ainda foram um pouco menos conservadores:

Os falantes com nível Fundamental haviam aplicado o alçamento em 83,9% dos casos e agora aplicaram em apenas 66%. Os demais não corresponderam a essa tendência: os de Ensino Médio variaram de 61,2% de alçamento para 77,6% e os com nível Superior, de 68,7% a 73,1%.

Tabela 12 – Índices da realização da vogal média posterior postônica medial por nível de escolaridade em identificação de figuras do Questionário

Figuras – Vogal /o/			
Variável	Fatores	Alçamento	Manutenção
Escolaridade	Fundamental	31	16
		66%	34%
	Médio	45	13
		77,6%	22,4%
	Superior	38	14
		73,1%	26,9%

Foram desconsideradas, nessa contagem, as 04 ocorrências de apagamento levantadas nesta etapa: 02 casos de *cócegas* [kɔʃkɐʃ], 01 de *horóscopo* [ɔ'rɔʃ] e 01 de *semáforo* [sɛ'mafɾu] (um dos casos de *cócegas* ocorreu no nível de Ensino Fundamental e os demais no nível Médio).

Também não foram incluídos, no conjunto de dados, 09 casos de comutação de /o/ por [ɐ], todos produzidos nessa segunda etapa do questionário. Eles referem-se a 01 caso de *fósforo* [fɔʃfɛru], 01 de [sɛ'mafɛru], 02 de *autódromo* [aw'tɔdrɐmu] e 05 de *sambódromo* [sɛ'bɔdrɐmu]. De 09 ocorrências, 05 concentram-se entre falantes com Ensino Médio, mas o processo não parece ser condicionado por escolaridade ou monitoramento do discurso, havendo também 02 casos entre os falantes com menos anos de escolaridade e 02 casos entre os cultos. Por outro lado, destaca-se a regularidade das sequências fonéticas em que ele ocorreu, correspondentes aos sufixos *-foro* e *-dromo*, o que indica ser um fenômeno com alguma sistematicidade, talvez de motivação morfológica.

Os resultados apresentados até agora, a respeito das etapas de perguntas e figuras, demonstraram que a vogal posterior /o/ é menos atingida pela formalidade do discurso do que a anterior /e/, quando se trata de resgatar a

variante média. Mesmo assim, a situação de perguntas e respostas favoreceu a articulação média nesse contexto, a qual já havia desaparecido na fala espontânea. De forma geral, quando aumenta o monitoramento do discurso, o processo de alçamento é refreado e aumenta o percentual de manutenção das vogais, mais intensamente no âmbito de /e/, mas também de forma expressiva no âmbito de /o/.

3.1.3 Leituras

A etapa de leitura, obviamente, é a mais artificial das três etapas do inquérito e não corresponde de nenhuma maneira à fala espontânea, mas sim ao extremo da fala monitorada. Partindo de um texto de variedade escrita que não foi elaborado pelo informante, ela serve, entretanto, para testificar um dos níveis mais formais de elocução e fornecer as variantes escolhidas pelos falantes nesse tipo de situação discursiva.

Pôde-se observar que, ao ler os textos pedidos, quase todos os falantes com menos escolaridade leram com menos fluidez que os demais, silabaram a maioria das proparoxítonas e frequentemente se corrigiram. Os outros dois níveis de escolaridade também tiveram, várias vezes, dificuldade na identificação de proparoxítonas, pausaram diante desse tipo de acento e se corrigiram com frequência, demonstrando pouca familiaridade com alguns itens investigados. Por outro lado, alguns dos falantes com menos escolaridade, muitas vezes, não souberam em que sílaba pousar o acento das proparoxítonas, mesmo após se corrigirem e apesar do acento gráfico.

Acredita-se serem esses os motivos de os falantes do Ensino Fundamental terem realizado um percentual de manutenção da média /e/ significativamente maior do que aqueles com Ensino Médio e Superior. Desconhecendo as palavras apresentadas, o leitor menos hábil vê-se preso à forma escrita da palavra e, quase sempre, a variantes conservadoras.

De qualquer forma, esta etapa foi a única em que os informantes de todos os níveis de escolaridade preferiram o alçamento de /e/:

Tabela 13 – Índices da realização da vogal média anterior postônica medial por nível de escolaridade em leituras

Leituras - Vogal /e/			
Variável	Fatores	Alçamento	Manutenção
Escolaridade	Fundamental	21/70	49/70
		30%	70%
	Médio	39/89	50/89
		43,8%	56,2%
	Superior	38/98	60/98
		38,8%	61,2%

Além dos índices de alçamento, explanados na **Tabela 13** acima, um falante do Ensino Médio apagou a vogal /e/ em 01 ocorrência de *vésperas* [vɛʃprɐʃ], que foi o único caso desse fenômeno realizado na etapa de leitura.

Observou-se, nas fases de perguntas e identificação de figuras, que o comportamento de /o/ não mudou radicalmente com a escolaridade, mas foi monitorado de forma a recuperar significativamente a variante conservadora [o], que não é mais produtiva na fala espontânea. Paralelamente, constatou-se similaridade na variação entre os falantes de todos os níveis de escolaridade, com percentuais semelhantes. Nas figuras, inclusive, o Ensino Superior chegou a ser até um pouco menos conservador que o Ensino Fundamental. Tudo isso havia demonstrado que o processo de alçamento no contexto posterior não apresenta mais restrições sociais, ao contrário do que se verificou para /e/.

Nas leituras, entretanto, finalmente vê-se o monitoramento do discurso relacionar-se com a escolaridade na manutenção da vogal média posterior. Nesse estilo de fala investigado, que foi o menos natural, a articulação média foi preferida nos dois níveis mais altos de escolaridade:

Tabela 14 – Índices da realização da vogal média postônica medial /o/ por nível de escolaridade em leituras

Leituras - Vogal /o/			
Variável	Fatores	Alçamento	Manutenção
Escolaridade	Fundamental	21/35	14/35
		60%	40%
	Médio	22/48	26/48
		45,8%	54,2%
	Superior	17/51	34
		33,3%	66,7%

Também se observa um comportamento muito simétrico entre as vogais /e/ e /o/ postônicas mediais na leitura desses falantes: os percentuais de manutenção das médias entre os informantes de nível Médio foram de 56,2% para /e/ e de 54,2% para /o/; entre os falantes de nível Superior, os índices foram de 61,2% para /e/ e de 66,7% para /o/.

Os falantes menos escolarizados, entretanto, continuam a demonstrar que a vogal anterior é mais sensível ao monitoramento do discurso quanto à preservação das vogais médias. Como dito, ao realizar com muita atenção proparoxítonos incomuns ou desconhecidos por eles, os falantes de nível Fundamental foram extremamente formais ao manter a vogal /e/ postônica medial em 70% dos casos. Nos vocábulos com /o/ postônico medial, entretanto, os mesmos informantes foram indiferentes à ortografia e alçaram a vogal em 60% das ocorrências.

Assim, a comparação entre a fala monitorada (questionários e leitura) e a fala espontânea (entrevistas) do Estado do Rio de Janeiro parece demonstrar que a assimetria entre a vogal anterior /e/ e a posterior /o/, é uma questão de competição entre variantes mais ou menos produtivas a depender do perfil do falante e do contexto discursivo. Mesmo se for desconsiderada a etapa de leitura, que é muito artificial, os resultados dos questionários e da leitura conjugados com as entrevistas de tipo DID apontam que, embora nunca deixem de alternar com as altas, ambas as vogais médias [e] e [o] podem ser escolhidas pelos falantes, especialmente conforme aumenta a sua consciência normativa, seja pelos anos que passou na escola, seja pela formalidade e pelo monitoramento do discurso. Igualmente, as variantes altas [i] e [u] são preferidas, quase categoricamente, quando o falante tem poucos anos de escolaridade e não está muito atento ao discurso, como na fala espontânea.

Conclusão

Os trabalhos variacionistas de De Paula e Brandão têm demonstrado que o alçamento das vogais médias /e/ e /o/ postônicas mediais é muito frequente na fala fluminense, desde a década de 1970, sendo indicativo da mudança para o quadro de três vogais /i a u/, em consonância com a hipótese de Bisol para o português do Brasil. Paralelamente, De Paula (2010) já havia apontado que o falante inquirido através de questionário pode refrear esse processo de mudança, sendo favorável à articulação média das vogais, mais conservadora, à semelhança dos falantes mais escolarizados produzindo fala espontânea.

Através do controle de questionários e leituras, observou-se, nesta etapa da pesquisa, o resgate notável das variantes médias [e] e [o] em todos os segmentos da comunidade de fala carioca. Confirmando o que havia sido previsto, o discurso monitorado provocou a realização das vogais médias

na fala popular, em que elas já haviam desaparecido na fala espontânea. A comparação entre as etapas de *perguntas e respostas*, *identificação de figuras* e *leitura de texto* mostrou que, conforme aumenta o monitoramento do discurso, mais o processo de alçamento é refreado, principalmente na realização de /e/, mas também de forma expressiva na realização de /o/. Nesse sentido, a etapa de leitura foi a única em que os informantes de todos os níveis de escolaridade preferiram o alçamento de /e/.

A recuperação de ambas as vogais em estilos formais, como a leitura, inclusive na fala popular, demonstra que a assimetria entre elas, percebida por Câmara Jr na fala carioca da década de 1940, não é fonológica na fala fluminense. Ao contrário, considerando-se os demais resultados desta pesquisa, conclui-se que o comportamento de /e/ só se diferencia do comportamento de /o/ na fala espontânea quando há atuação da escolaridade do falante, um fator que é social e não fonológico.

Assim, observou-se mais um indício de que o comportamento diferenciado das vogais /e/ e /o/ postônicas mediais no Estado do Rio de Janeiro, embora pareça ser uma distinção de nível fonológico, na verdade é uma questão de competição entre variantes fonéticas que são mais ou menos produtivas a depender, principalmente, da influência da escolaridade e do contexto discursivo.

Referências

- ALMEIDA, Fabiana da Silva Campos. *Micro Atlas Fonético do Estado do Rio de Janeiro: uma contribuição para o conhecimento dos falares fluminenses*. 2008. 163 fl. 2 v. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2008.
- ARAÚJO, Gabriel Antunes de; VIARO, Mário; GUIMARÃES FILHO, Zwinglio; OLIVEIRA, Leonardo. As proparoxítonas e o sistema acentual do português. In: ARAÚJO, Gabriel Antunes de (Org.). *O acento em português: abordagens fonológicas*. São Paulo: Parábola, 2007. p. 37-60.

BISOL, Leda. A simetria no sistema vocálico do português brasileiro. *Linguística*, v. 5, p. 41-52, 2010.

_____. A neutralização das átonas. *Revista D.E.L.T.A.*, v. 19, n 2, p. 267-276, 2003.

CAMARA Jr., Joaquim Mattoso. *Estrutura da língua portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 1970.

DE PAULA, Alessandra. *Variação e mudança no vocalismo postônico medial em português*. 2015. 280 fl. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2015.

_____. Vogais médias postônicas não finais no Rio de Janeiro: produtividade lexical e processo de alçamento. In: MAGALHÃES, José Sueli de (Org.). *Linguística in Focus 10 – Fonologia*. Uberlândia: EDUFU, 2014. p. 205-228.

_____. As vogais médias postônicas não finais em *corpora* de perfis sócio e geolinguísticos. *Estudos Linguísticos*, São Paulo, v. 38, n 1, p. 35-46, 2009.

DE PAULA, Alessandra; BRANDÃO, Silvia Figueiredo. Vogais em contexto postônico não final em variedades do português: questões teóricas. *Revista da ABRALIN*, São Carlos, v. 14, n. 1, p. 45-82, jun. 2015.

_____. Sobre vogais médias em posição postônica não final na fala popular do Rio de Janeiro. *Letras de Hoje* [online], v. 47, n 3, p. 275-282, 2012b.

_____. Assimetria do quadro vocálico em contexto postônico não final: aspectos diacrônicos e realidades sincrônicas. *Signum – Estudos de Linguagem*, v. 15, n 1, p. 129-149, jun. 2012a.

LABOV, William. *Sociolinguistic patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania, 1972.

LIMA, L. G. *Atlas Fonético do entorno da Baía de Guanabara – AFeBG*. 2006. 2 v. 415 fl. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2006.

MAGALHÃES, José Sueli; SILVA, André Pedro da. Ainda as proparoxítonas: apagamento e preservação da vogal postônica não final. In: DA HORA, Dermeval; NEGRÃO, Esmeralda Vailati (Org.). *Estudos da linguagem: casamento entre temas e perspectivas*. João Pessoa: Ideia/Ed. Universitária, 2011. p. 197-212.

RAMOS, A. P. *Descrição das vogais postônicas não-finais na variedade do noroeste paulista*. 2009. 175 fl. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual Paulista, 2009.

RIBEIRO, D. F. S. *Alçamento de vogais postônicas não finais no português de Belo Horizonte – Minas Gerais: uma abordagem difusionista*. 2007. 274 fl. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa e Linguística) – Pontifícia Universidade de Minas Gerais, 2007.

VIEIRA, M. J. B. *Neutralização das vogais médias postônicas*. 1994. 110 fl. Dissertação (Mestrado em Letras: Língua Portuguesa) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1994.

_____. As vogais médias postônicas: uma análise variacionista. In: BISOL, Leda; BRESCANCINI, Cláudia (Org.). *Fonologia e variação: recortes do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002. p. 127-159.

_____. As vogais médias átonas nas três capitais do sul do país. In: BISOL, Leda; COLLISCHONN, Gisela (Org.). *Português do sul do Brasil: variação fonológica*. v. 1. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2009. p. 50-72.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin. (1968). *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2006.

Recebido em 28/09/2016.

Aceito em 06/02/2017.